

## Uma visão sobre o não lugar através da teoria dos simulacros de Jean Baudrillard<sup>1</sup>

Marcelo Kioyassu NAKASSE<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### RESUMO

Este trabalho traz reflexões sobre o modo de se pensar e analisar as estruturas contemporâneas denominadas de não lugar. O objetivo é propor aproximações entre as teorias desenvolvidas por Marc Augé e Jean Baudrillard a respeito dos espaços urbanos a partir de uma revisão bibliográfica, explora-se deste modo, os conceitos de não lugar, supermodernidade e simulacros. Por fim, propõe-se um exercício de aproximação teórica observando a epistemologia dos simulacros desenvolvida a partir do trabalho de Baudrillard. A proposta é oferecer auxiliar na fundamentação de demais estudos similares de tão diversos espaços da contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Não lugar, supermodernidade, simulacro, cidades, simbólico.

### Introdução

Ao visitar uma cidade grande, facilmente nos deparamos com grandes estruturas: espaços de trânsito, de compras e de lazer que nos parecem sinônimos da própria cidade. Pesquisadores têm denominado estes espaços, tais como shopping centers, avenidas, aeroportos, hipermercados, lojas de conveniência, galerias entre outros tantos, como *não lugares*, uma nomenclatura proposta pelo antropólogo francês Marc Augé em seu ensaio de mesmo nome, publicado em 1992.

No entanto, não é difícil notar que qualquer estudo sobre estes locais precisa levar em consideração as transformações e acelerações do mundo contemporâneo, das quais o autor discorre ao longo de seu trabalho (AUGÉ, 2008), portanto, a descrição do não lugar precisa sustentar-se em uma complexidade teórica que expanda as concepções atualmente descritas destes espaços apenas como não históricos, não relacionais e não identitários, além do mais, as acelerações do mundo moderno também podem ser comparadas às teorias de demais autores franceses, como Jean Baudrillard. Assim, propomos que as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: [mnakasse@gmail.com](mailto:mnakasse@gmail.com).

ideias de Baudrillard possam enriquecer a discussão e embasar de modo satisfatório as pesquisas sobre tais estruturas. O objetivo deste estudo é propor aproximações entre as teorias desenvolvidas por Marc Augé e Jean Baudrillard a respeito dos espaços urbanos, no intuito de auxiliar demais estudos no exercício da compreensão e observação de tão diversos espaços da contemporaneidade.

Para debater sobre a questão, propomos uma discussão sobre as teorias destes dois autores, seus objetivos e visões a partir de uma revisão da bibliografia básica. Ao longo do primeiro capítulo, será exposto o conceito de não lugar e a supermodernidade, duas peças-chave propostas por Marc Augé para se compreender a contemporaneidade, é discutido também, as aplicações de tais conceitos nos dias atuais. A seguir, explicamos sobre o interesse pela teoria dos simulacros de Jean Baudrillard e como tal teoria pode ser encaixada nos estudos sobre a contemporaneidade, especialmente a partir dos temas relacionados à arquitetura e ao espaço urbano.

Por fim, propomos um exercício de aproximação entre a teoria dos simulacros, o não lugar e a supermodernidade. A partir de uma epistemologia proposta por Baudrillard, comparamos cada etapa de transformação dos simulacros com algum aspecto da supermodernidade e das características presentes nos não lugares.

### **O não lugar e a situação do mundo contemporâneo**

O não lugar é um conceito desenvolvido por Augé em seu ensaio denominado *Não Lugares, por uma antropologia da supermodernidade*, no qual o autor discorre sobre uma série de transformações sociais que culminam com o surgimento de tipos de espaços em que já não se tem uma mesma relação social como há em um lugar antropológico. A classificação de um não lugar é simples, ela se encontra interdependente de uma definição do que é o lugar: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (AUGÉ, 2008, p. 73). Se os lugares antropológicos são os objetos de pesquisa dos etnólogos que se interessam por tribos e aldeias, os não lugares são os objetos de preferência da pesquisa antropológica contemporânea.

O conceito de não lugar está intimamente relacionado ao conceito de supermodernidade, sendo relevante expô-lo para compreendermos melhor o que são as categorias de lugar e não lugar. De acordo com Augé (2008), a Supermodernidade parte

de uma concepção favorável à ideia do uso da Antropologia para o estudo das sociedades contemporâneas, partindo então, da vivência nas grandes cidades, da convergência dos estudos dos lugares distantes e próximos e a utilização de três grandes categorias que poderiam ser analisadas pelo etnólogo contemporâneo, estas categorias são denominadas como superabundâncias, desse modo, tem-se então, a *superabundância factual*, a *espacial* e a *individualização das referências*. Para chegar a estas categorias, Augé parte de argumentos que demonstram como estas categorias que antigamente considerava-se objetivas na modernidade, foram aos poucos, se tornando relativas<sup>3</sup>.

A superabundância factual tem relação com a percepção do tempo e com a própria derrocada da ideia de progresso, presente no positivismo. A ideia de uma organização bem estruturada do tempo, de que “o depois pudesse ser explicado em função do antes, encalhou” (AUGÉ, 2008, p. 27). Isto significa o fim das grandes narrativas e um descontentamento com a história, proporcionado por atrocidades como as grandes guerras e os regimes totalitários. Além do mais, com a informação mais disponível e veloz, tem-se uma noção cada vez mais ininteligível do tempo.

A segunda transformação provém da aceleração do espaço, do excesso de espaço que decorre paradoxalmente do encolhimento do planeta (AUGÉ, 2008), metáfora para a conquista territorial proporcionada pelo avanço tecnológico nos transportes e na informação. Uma das consequências da aceleração do espaço é que com a geração de imagens recortadas pelas mídias em diversos lugares do mundo, haja um reconhecimento destes diferentes lugares, uma relação de proximidade entre espectadores e as imagens de recortes distantes que se propagam pelos meios.

A terceira, a individualização das referências, “a figura do ego, do indivíduo” (AUGÉ, 2008, p. 38), traz consigo uma dificuldade primordial em situá-lo. Na questão antropológica, provém também da dificuldade em situar quem é o “homem médio”, de encontrar tal padrão que define o homem comum ou de se estudar este homem comum para encontrar tal padrão. Para Augé, o peso deveria ser dado para a referência individual, a singularidade, é ao fato singular que se deveria prestar atenção: “singularidades de toda ordem, que constituem o contraponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e de deslocalização muito rapidamente reduzidas e resumidas” (AUGÉ, 2008, p. 41).

---

<sup>3</sup> Sua ideia se assemelha e inspiraria mais tarde a concepção de modernidade líquida que Bauman (2001) publicaria sete anos adiante.

---

Estas transformações da Supermodernidade são importantes para as pesquisas, pois elas dão condição para o etnólogo de se estudar os mesmos fenômenos antropológicos clássicos (a religião, os rituais, o poder) nos lugares contemporâneos. São fenômenos que

não estão perto de desaparecer, nem na África nem na Europa. Mas farão sentido novamente (farão novamente o sentido) com o resto, num mundo diferente cujas razões e desrazões os antropólogos de amanhã terão que compreender, como hoje (AUGÉ, 2008, p. 42).

Após uma breve explicação sobre a supermodernidade, chega-se ao não lugar, este que se trata do resultado concreto da supermodernidade. O conceito de não lugar marca o interesse antropológico pelas transformações do mundo contemporâneo e das cidades e não mais somente naquilo que se está distante, como vilas e aldeias, mas sim no que está próximo, o panorama urbano, a cidade.

Para Augé (2008), o lugar antropológico é uma construção concreta e simbólica do espaço, a qual não pode dar conta sozinha dos acontecimentos e contradições da vida social. O lugar é flexível, pode ser a casa, a cabana, a aldeia ou a cidade inteira, desde que haja algum princípio de sentido nestes lugares para aqueles que o habitam. O lugar é aquele que produz sentido e relevância simbólica para aqueles que o frequentam.

Daí que vem sua diferença para os não lugares, a construção simbólica do lugar, que passa por relacionamento, história e identidade, é muito diferente do sentido dado ao não lugar, “o habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história” (AUGÉ, 2008, p. 53), isto é, aquele lugar em que, construído por seus antepassados, se encontram inefavelmente na memória e história de tais paredes. A questão de se viver na história ou fazer a história pode ser vista como uma diferença significativa entre a história como uma ciência (positiva) e a história como relação simbólica entre indivíduos. Tudo isto falta (na maioria das vezes) nos não lugares, como imaginar uma relação histórica dessa mesma maneira em uma sala de espera de um aeroporto ou em uma autoestrada?

Questiona-se, no entanto, se já consolidados não lugares podem ser compreendidos como tal, autores como Merriman (2004), por exemplo, questionam se tal classificação pode dar conta de todas as complexidades de locais tão diferentes. Locais como *shopping centers*, por exemplo, parecem ser tão complexos e entrelaçados com a própria história das cidades, que poderiam, inclusive, serem considerados como lugares antropológicos (MONTEIRO, 2003 apud SÁ, 2014). No entanto, apesar de válidas tais considerações, é preciso lembrar que o próprio autor não questiona a subjetividade

---

classificatória de lugares e não lugares, diz apenas que este último é a “medida da época” (AUGÉ, 2008 p. 74), são polaridades que mesmo opostas, convivem, pois o lugar nunca é completamente apagado e o não lugar nunca se realiza completamente. Podemos entender assim, que o não lugar não é tanto uma categoria classificatória, mas sim, uma inquietação de Augé sobre as consequências sociais desses locais (SÁ, 2014).

Tal noção de ausência simbólica no não lugar se encontra também em pensadores como Jean Baudrillard, o qual em todo o seu trabalho, destacara a relação antagônica entre o *símbolo* e o *signo*, cuja fundamentação o fez desenvolver a noção de simulacro. Vale lembrar que o próprio Baudrillard se aproxima de uma sociologia dos não lugares ao mencionar sobre grandes estruturas contemporâneas, tais como hipermercados e shopping centers:

As cidades continuaram a ser cidades, enquanto as cidades novas estão satelizadas pelo hipermercado ou pelo shopping center, servidos por uma rede programada de trânsito, deixando de ser cidades para se tornarem aglomerações. (BAUDRILLARD, 1991, p. 100).

Este interesse pelo objeto urbano é um dos pontos em que o não lugar se aproxima de uma noção de simulacro baudrillardiano. A seguir, exploraremos os detalhes mais importantes para uma noção de simulacro na visão de Baudrillard e como ela pode auxiliar na compreensão e estudo dos não lugares.

### **Pensamento e influência de Jean Baudrillard nos estudos sobre a visualidade urbana**

Jean Baudrillard possui uma vasta bibliografia, muitos pesquisadores (KELLNER, 1991, GANE, 2003, LANE, 2000) consideram dividi-la em duas principais fases: a primeira, voltada para um tipo de análise marxista com influências do estruturalismo, bastante popular na segunda metade do século XX, por esta razão, há em seus textos, muita influência da semiologia, da linguística e da literatura, em especial, Georges Bataille, Roland Barthes, Ferdinand de Saussure, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, além da grande influência de Karl Marx em seus primeiros trabalhos publicados. Já a segunda fase, o autor abraça uma teoria mais voltada ao pós-estruturalismo e pós-modernismo, questionando com mais ênfase as noções estruturais da sociedade e conceitos que o deixaram mais conhecido, como os conceitos de realidade, verdade e racionalidade.

---

Informação sempre foi assunto de interesse para Baudrillard, daí que seus argumentos discorrem sobre a utilidade da informação (ou do excesso de informação) que é transmitida pela mídia. Isso perpassa uma discussão sobre o efeito do virtual sobre o real e a objetividade daquilo que se costuma entender por verdade. Sobre Baudrillard, Silva enfatiza que “o meio rivaliza diariamente com o acontecimento” (SILVA, 2012, p. 24), por isto, o próprio meio se transforma em argumento<sup>4</sup>.

Este jogo em que o acontecimento orbita de forma nuclear uma série de modelos e códigos propagados pelos meios (BAUDRILLARD, 1991), estabelece a noção do signo não mais como representação, mas sim, como princípio de simulação, ou seja, o real já não existe em forma pura, mas tão somente como *simulacro*, e a este conjunto de simulacros capazes de construir uma sociedade inteira, dá-se o nome de simulação.

Baudrillard foi um autor relevante, há inúmeros trabalhos que o citam, não apenas na área da comunicação, suas ideias influenciaram muitos pesquisadores que não fazem parte das ciências sociais, talvez o exemplo mais proeminente de aplicação dos simulacros em áreas diversas, vem de Macintosh et al. (2000), que aplicou a teoria baudrillardiana dos simulacros e a simulação, ao campo da contabilidade. A equipe de Macintosh faz um apanhado de toda a teoria, desde o conceito de simulacro, até as cadeias complexas das revoluções dos signos e das ordens dos simulacros.

O esforço destes autores em resgatar a epistemologia dos simulacros é importante para as suas intenções em sincretizar os campos da teoria social e de outras áreas. De acordo com eles, as sucessivas fases do signo, propostas por Baudrillard, “provém uma estrutura interpretativa para interpretar as mudanças historicamente documentadas nos significados dos signos da contabilidade” (MACINTOSH et al., 2000, p. 16, tradução nossa). Dessa maneira, é possível realizar um apanhado histórico das mudanças dos signos contábeis desde seus primórdios, trabalhando numa crítica do princípio de realidade proposto por estes mesmos signos, uma forma de simulação contábil. Em consequência, há ainda um custoso esforço para sustentar que estes signos representem a realidade contábil da mesma forma que representavam em tempos antigos.

A aproximação que este grupo de pesquisadores realiza pode parecer inusitada, mas ao analisar a veia metodológica dos simulacros, é mister compreender a profunda relação que a economia (especialmente na raiz antropológica) possui na teoria dos

---

<sup>4</sup> Essa ideia é fortemente influenciada pela fórmula de Marshall McLuhan, de que o meio é a mensagem.

simulacros, já que os trabalhos sobre a crítica da economia política de Marx inspiraram a teoria baudrillardiana a desconstruir o predomínio acadêmico estruturalista do entendimento do signo (as funções significativas do significante e do significado), ao fazer uma aproximação entre a semiologia e a economia política no ensaio *Para uma crítica da economia política do signo* (BAUDRILLARD, 1981). A leitura que Baudrillard faz de Marx sobre a predominância do valor de uso por sobre o valor de troca, inspiraram o autor a desenvolver a leitura do significado como *álibi* para o predomínio dos significantes, isso de certo modo altera o papel referente do signo e culmina em sua transformação: de papel representante da realidade, para criador de uma hiper-realidade.

Se a teoria pode obter terreno nas ciências contábeis, nas demais ciências humanas e aplicadas, sua aplicabilidade encontra terreno bastante fértil, é o caso da arquitetura, em que a noção de simulacro tem sido bem recebida. Primeiramente, é preciso entender a transformação da arquitetura ao longo dos tempos, especialmente em referência ao surgimento da arquitetura pós-modernista, que grosso modo, pode ser caracterizada como uma quebra da ortodoxia dos padrões retos, a ascensão de formas mais orgânicas e irregulares, seguida, obviamente, de um crescente aumento na escala dessas estruturas ao longo das décadas. Esses espaços comerciais, através da arquitetura e das novas tecnologias, passaram a oferecer formas e desenhos que pudessem copiar ou imitar características históricas ou culturais de seus locais de instalação e por isso, tornaram-se simulacros (WOODWARD, 1998).

É fácil perceber o porquê da noção de simulacro e simulação obter terreno na arquitetura. Baudrillard (1991) tratava o lúdico e o fantasioso das grandes estruturas de lazer como uma espécie de estratégia dos signos, tão boa que pudesse esconder a impossibilidade de representação da realidade (ou a inexistência de uma realidade), para isso, utilizava os exemplos da Disneylândia, dos cassinos de Las Vegas, ou toda a América como exemplos. “A Disneylândia é colocada como imaginário a fim de fazer crer que o resto é real, quando toda Los Angeles e a América que a rodeia, já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação” (BAUDRILLARD, 1991, p. 21).

Simulação não se trata de uma falsa visão de mundo (uma ideologia), mas se trata de construção de uma realidade e de que o uso da arquitetura pode ser convertido para explorar essa noção (HEGARTY, 2008). De fato, muito do trabalho de Baudrillard vem de uma noção arquitetônica ao falar sobre estes espaços mencionados. Muito do que faz

---

a arquitetura voltada para espaços de entretenimento é trabalhar no sentido da hiper-realidade, ou seja, os simulacros de uma realidade aparente.

A noção do simulacro não pode ser separada da capacidade técnica produtiva de imagens, desde a mais antiga técnica de produção ornamental em estuque, passando pelas técnicas químicas fotográficas, os meios analógicos, até o último estágio tecnológico, as tecnologias digitais, pois é através do aparelho técnico que se reproduz o mesmo tipo de código ao infinito. A técnica é importante para o simulacro, pois Baudrillard formula o seu pensamento sob influência de Walter Benjamin (1955), analisando seu ensaio *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. É neste ensaio que ele vê uma mudança em relação a uma ordem de produção para uma ordem de reprodução.

Olhar através do aparelho técnico é bastante diferente do olhar sem intermédio de algum tipo de aparelho, nisto, a fotografia torna-se bastante diferente da pintura por exemplo, bem como o cinema é diferente do teatro. Nesta noção, a “aura” da pintura e do teatro, sua originalidade, se perde em meio aos processos reprodutivos da técnica e desta maneira não há mais um processo de se produzir (no sentido de força produtiva) pois não há mais de fato, algo original a se produzir, mas apenas códigos que podem ser reproduzidos e propagados de forma exatamente igual até o infinito. Logo, para efeitos sociais, o que se reproduz através de tais aparelhos técnicos nas cidades, não é a própria cidade, mas “a homologia de um ponto de vista, não simplesmente ocular, mas sobretudo ideológico e capaz de mostrar não a imagem que é, mas aquela programada para ser vista” (FERRARA, 2004, p. 26). Tal recorte é o próprio simulacro.

É no sentido da imagem programada que ocorre o recorte da imagem, fazendo com que seja visto, iluminado e destacado apenas uma espécie de modelo retórico e assim como em Benjamin, em que aqueles novos tipos de aparelho técnico moldavam toda uma nova configuração de sentido, hoje, o sentido se reconfigura de acordo com o tipo do aparelho técnico, os diferentes tipos de mídia<sup>5</sup>. Ingenuidade afirmar que o papel exercido por estes meios é apenas o de servir de intermediário entre dois sujeitos ou duas realidades, a mídia dispõe de um sistema de proliferação de signos que remetem a um mesmo código ou modelo, e assim, não se trata de uma reprodução de uma realidade, mas da produção de uma certa realidade através de um código (simulação).

---

<sup>5</sup> Entende-se *mídia* como qualquer meio de comunicação que utiliza qualquer tipo de aparato técnico ou eletrônico como dispositivo de propagação de um código.



---

A noção de simulacro pode ser estendida para o estudo das relações simbólicas, das subjetividades dos consumidores, dos signos e da identidade e dos fenômenos de expressão “self” através do consumo, que não passam de simulacros (BAUMAN, 2008, p. 23). É deste modo, que o simulacro pode ser relacionado às visualidades urbanas e ao estudo dos lugares onde prevalece a esfera do consumo. Aliás, é no campo da antropologia do simbólico que Baudrillard estabelece a diferença fundamental entre o mundo contemporâneo e as demais formas de visão de mundo das quais a antropologia clássica gosta de se debruçar. De acordo com a economia política do signo que o autor desenvolve, há uma grande diferença entre as sociedades modernas e aquelas em que um campo antropológico e etnocêntrico consideravam erroneamente como “primitivas”, esta diferença está na troca simbólica como modelo organizador de sociedade (BAUDRILLARD, 1996).

Esta troca simbólica, baseada nos trabalhos de Marcel Mauss, é um tipo de troca em que não se pode incluir uma troca *racional* de valores (de uso e de troca), ou seja, a troca é exclusivamente simbólica, não importando qualquer diferença de valor monetário ou algum valor utilitário do objeto trocado (BAUDRILLARD 1981). A troca simbólica é uma forma em que há uma relação de reciprocidade entre as partes. O símbolo para Baudrillard, representa uma relação de alteridade, tanto uma ausência quanto uma presença, contidas no próprio objeto, relação que falta no objeto-signo, cuja relação se dá por um contrato, uma compra e uma venda, uma troca a partir de um valor equivalente. Esse tipo de troca (equivalência) sobrepõe o simbólico (ambivalência) na forma social, mas não é capaz de eliminá-la totalmente, havendo alguns resquícios de trocas simbólicas, mesmo em uma sociedade altamente consumista (os presentes, os objetos de arte, os objetos colecionáveis).

Se para Baudrillard, o simbólico obseda a forma racional da civilização “como a sua própria morte” (BAUDRILLARD, 1996, p. 7), para Augé, tal espereita se encontra na mesma forma no não lugar. Como demonstrado, se a forma dominante do não lugar não consegue apagar completamente o lugar antropológico (polaridades fugidias), o lugar está sempre contido, aparecendo esporadicamente aqui e ali, apesar de toda estratégia racional de suprimi-lo. O lugar pode ser visto nesta interpretação, como o simbólico do não lugar.

---

## Ordem dos simulacros e relações com o não lugar

Para uma aproximação entre a teoria dos simulacros e dos não lugares, consideremos que a teoria baudrillardiana estabelece quatro ordens, alterações proporcionadas através de uma epistemologia do valor referente. Cada ordem surge em momentos distintos ao longo da história e vão se sobrepondo a medida em que uma nova ordem surge, logo, nenhuma ordem desaparece por completo, mas funcionam como camadas sobrepostas (BAUDRILLARD, 1990), assim, temos uma ideia geral de que na contemporaneidade e no não lugar, todas as ordens se encontram, se entrelaçam e se confundem. A seguir, são explicadas as ordens dos simulacros e suas relações com os não lugares.

A primeira ordem do simulacro é a *contrafação* (BAUDRILLARD, 1996), ela primeiro surge no Renascimento, quando os signos que outrora eram restritos a certas castas como o clero ou a nobreza, passaram a se proliferar e ser produzidos sob demanda por uma burguesia em ascensão. Para Baudrillard, o signo perde seu compromisso como estatuto de realidade e passa a imitar uma ordem artificial de distinção social. Tal exemplo ocorre quando a burguesia passa a ter acesso a uma série de signos restritos a uma nobreza, tais como o vestuário ou objetos de cunho restritivo como livros, que antes estavam encerrados a certas classes sociais. É também aí em que o falso surge como natural “isso vai do falso colete ao garfo, prótese artificial, aos interiores de estuque e ao grande maquinário teatral barroco” (BAUDRILLARD, 1995, p. 66).

Portanto, o simulacro surge quando o aspecto do falso é naturalizado, isto é, quando a arquitetura, por exemplo toma forma de uma reprodução extravagante e barroca e um suntuário de signos fantasiosos passam a ser naturalizados. Um não lugar ao apresentar tais características em sua arquitetura, reproduz a contrafação. É nesta ordem que para Baudrillard, o signo se transforma em um simulacro, ao descompromissar-se de uma obrigação representacional de uma rígida sociedade de casta.

A segunda ordem é a *produção* e tem início com a revolução industrial. Com a produção em série, se tem início às grandes contradições apontadas por Marx e a criação e naturalização dos valores de uso e de troca da mercadoria. A reprodução serial torna a mercadoria como o objeto padrão e o conceito de original desaparece (assim como em Benjamin), “na série, os objetos tornam-se simulacros indefinidos uns dos outros e, com os objetos, os homens que os produzem” (BAUDRILLARD, 1996, p. 71).

---

Esta ordem pode ser relacionada obviamente à própria natureza da produção serial dos itens de consumo e da *hipermercadoria* comercializada não lugares. É na reprodução serial que Baudrillard encaixa a alienação do trabalho e a mercadoria como o centro de toda uma economia política (BAUDRILLARD, 1981). É nesta fase e a partir dos estudos de uma economia política que o autor irá desenvolver o contraste principal entre símbolo e signo, resultando em uma ordem simbólica sublimada dos objetos por uma ordem de natureza racional, no qual tais objetos se submetem a uma ótica do signo (divisão racional de herança linguística entre significante e o significado).

A *simulação* é a terceira ordem, ela corresponde à etapa dos signos em que eles não possuem relação com qualquer realidade “ela é o seu próprio simulacro puro” (BAUDRILLARD, 1991, p. 13). Os simulacros dessa fase não possuem referência baseada nem em uma pseudo-ordem natural, nem em um modelo serial, mas sim no código. O código é um argumento abstrato para se referir aos modelos e configurações que em muitos casos, regem a vida social. Baudrillard dá o exemplo dos acontecimentos, em que o espectador não está observando o acontecimento real, mas sim as imagens daquele acontecimento, suas experiências passam todas pelo intermédio das imagens.

Para Baudrillard, existe um fato decisivo “tudo se apresentar hoje em termos de um leque ou de uma gama, só esse fato já constitui um teste, porque isso impõe uma seleção” (BAUDRILLARD, 1996, p. 83), isto inclui o autosserviço, o sistema padrão de alguns não lugares como os hipermercados modernos. O autosserviço impõe constantemente testes de seleção de produtos, objetos que já foram recortados de modo a apresentar-se ao consumidor que está na ponta de uma cadeia de operações que fizeram com que aquele produto chegasse até suas mãos. Além disso, locais *como shopping centers* e hipermercados são modelos cibernéticos dos quais toda a cidade participa. Tanto o hipermercado quanto o shopping center, mobilizam todo um aparato urbano a movimentar-se em função do não lugar (BAUDRILLARD, 1991), além do fato das próprias autoestradas e avenidas que o rodeiam também serem considerados como não lugares.

Ainda é possível estabelecer nesta ordem uma relação de contrato, do qual Baudrillard a expõe como a relação dominante na sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1981). Lembremos que para Augé, esta relação de contrato é sempre lembrada pelo uso que o indivíduo faz do não lugar, ao seguir o código social ditado pela linguagem indicativa (siga em frente, deixe a esquerda livre entre outros) ou ao pagar por

---

um produto ou serviço. Para ele, esta relação contratual está sempre lembrando o usuário das “regras do jogo” (AUGÉ, 2008, p. 93).

A quarta ordem é o estágio *fractal*, ou viral: “o valor irradia em todas as direções, em todos os interstícios, sem referência ao que quer que seja, por pura contiguidade” (BAUDRILLARD, 1992, p. 11). É o estágio em que todas as grandes categorias se misturam, assim, tanto o consumo, quanto a política, a religião, a sexualidade e outras, se misturam em uma ordem indeterminada (comprar passa a ser um ato político), também as ordens morais de bem e mal, verdadeiro e falso, belo e feio não se referenciam mais em algum tipo de valor absoluto.

O estágio fractal também é o que se aproxima mais de uma situação de supermodernidade, as transformações aceleradas da qual Augé dedica seu trabalho podem ser consideradas como categorias interdependentes, das quais suas relações podem ser contíguas: tempo, espaço e indivíduo de certo modo, são indissociáveis. Esta ordem também sobressai sobre o próprio padrão dos não lugares, que se encontram no centro de uma cadeia de fenômenos como o neoliberalismo. Os fenômenos que ocorrem nos não lugares são reproduções fractais de tudo o que acontece no mundo contemporâneo, por contiguidade. O objeto máximo da supermodernidade é o não lugar e neste espaço é onde podemos trabalhar com muitas das noções relacionadas à ordem fractal, pois é através de uma teoria crítica sobre a relativização de grandes categorias em que a ordem fractal e a supermodernidade podem se aproximar.

### **Considerações finais**

Os estudos sobre os não lugares tem despertado o interesse dos pesquisadores desde a sua primeira publicação. Entretanto, alguns ainda trabalham com uma noção rígida e objetiva sobre estes espaços, noção da qual Marc Augé não compartilha. Através deste estudo foi possível resgatar as noções sobre lugares e não lugares, propostas originalmente pelo autor e suas ideias a respeito do mundo contemporâneo, sintetizadas em uma antropologia da supermodernidade.

Do mesmo modo, resgatamos epistemologicamente, a teoria dos simulacros que fora originalmente proposta por Jean Baudrillard ao longo de seus trabalhos e que de acordo com a proposta aqui, nos auxilia a compreender de uma forma inédita as

---

complexidades do não lugar, evitando, deste modo, uma maneira simplória de classificar tais estruturas.

Através das noções de simulacro, a pesquisa em comunicação pode obter melhor proveito de um estudo que leve em consideração as linguagens, os códigos e os simulacros presentes nos não lugares ao mesmo tempo em que pode resgatar as noções do simbólico, da semiologia e da economia política, campos importantes para a comunicação humana.

O não lugar surgiu como a configuração predominante da contemporaneidade, supermercados e hipermercados, shopping centers, aeroportos, estações de ônibus e de trens, autoestradas, salas de espera e tantos outros espaços que podem ser ampliados como não lugares, nos dão o panorama do vasto campo do qual a antropologia e a sociologia nas cidades não pode ignorar. Também na comunicação não podemos ignorar o fato de que os simulacros nos rodeiam, sejam simulacros tangíveis, como simulacros arquitetônicos, ou intangíveis, como aspectos da nossa linguagem implícita em não lugares. Temos assim, um vasto campo a explorar através de teorias tão irreverentes, quanto fascinantes.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 2008. Tradução de: Maria Lúcia Pereira.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papyrus, 1992. Tradução de: Estela dos Santos Abreu.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Lisboa: Edições 70, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991. (Antropos). Tradução de: Maria João da Costa Pereira.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Tradução de: Plínio Dentzien.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutividade Técnica**. 1955. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/benjamin/1936/mes/obra-arte.htm>. Acesso em: 11 maio 2019.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. Cidade e Imagem: entre aparências, dissimulações e virtualidades. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. VI, n. 1, p.21-32, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6575/3684>. Acesso em: 27 jun. 2018.

GANE, Michael. **Baudrillard’s bestiary: Baudrillard and culture**. Londres: Routledge, 2003.

HEGARTY, Paul. Constructing (in) the ‘Real’ World. **French Cultural Studies**, [S. l.], v. 19, n. 3, p.317-331, out. 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0957155808094943>. Acesso em: 10 nov. 2019.

KELLNER, Douglas. **Jean Baudrillard: From Marxism to Postmodernism and Beyond**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANE, Richard. **Jean Baudrillard**. Londres: Routledge, 2000.

MACINTOSH, Norman B. et al. Accounting as simulacrum and hyperreality: perspectives on income and capital. **Accounting, Organizations And Society**, [S.l.], v. 25, n. 1, p.13-50, jan. 2000. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0361368299000100?via%3Dihub>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MERRIMAN, Peter. Driving Places. **Theory, Culture & Society**, [S. l.], v. 21, n. 4-5, p.145-167, out. 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276404046065>. Acesso em: 1 out. 2019.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 209-229, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n2/v26n2a12.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

SILVA, Juremir Machado da. Em torno de uma noção baudrillardiana. **Revista Famecos**, [S. l.], v. 19, n. 1, p.16-26, 25 maio 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/11338>. Acesso em: 22 nov. 2019.

WOODWARD, Ian. The shopping mall, postmodern space and architectural practice: Theorising the postmodern spatial turn through the planning discourse of mall architects. **Architectural Theory Review**, [S. l.], v. 3, n. 2, p.45-56, nov. 1998. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13264829809478344>. Acesso em: 10 nov. 2019.